

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

DISCIPLINA: INFORMÁTICA E SOCIEDADE

PROF: ROBERT MENEZES

CURSO: CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO

LUKAS SOARES NASCIMENTO (117110465)

MATHEUS SILVA MEDEIROS (117110412)

WESLEY HENRIQUE ARAÚJO (117110739)

**Universidade Federal de Campina Grande - UFCG**

RESENHA CRÍTICA

Campina Grande 2017

Castells inicia o terceiro capítulo do livro A Sociedade em Rede falando que o surgimento da economia informacional se deu com a criação de uma nova lógica de organização baseada no novo paradigma tecnológico e que a primeira percepção desse fenômeno se dá na identificação da transição da produção em massa para um modelo de produção flexível, ou seja, unidades de produção programáveis e flexíveis à variação de mercado, somente possível em razão das transformações tecnológicas. Ele detalha que as empresas de pequeno e médio porte aparentam ter as características necessárias a esse novo mercado, mas que isso ocorre, em geral, em um contexto de subordinação às grandes empresas, que se mantêm no centro da economia.

Outra evolução observada por ele refere-se aos novos modos de gerenciamento, havendo um caminho horizontal da estrutura empresarial, permitindo uma diferenciação dos componentes de trabalho e capital em unidades de produção semiautônomas, que acabam formando uma rede flexível. Quanto a essa formação em rede, ela se dá não só internamente, mas também em relação a empresas de pequeno e médio porte, em busca de nichos de mercado e empreendimentos coorporativos. Observamos que isso se torna bastante importante na economia informacional, pois dá maior flexibilização a produção das empresas, o que acaba por aumentar a quantidade de produtos que serão feitos.

Além dessas novas formas de articulação das empresas, Castells relata que também ocorre a interligação entre aquelas de grande porte, para celebração de alianças estratégicas e que é dessa maneira que suas operações ocorrem em conjunto com centenas e até milhares de subcontratadas, além de dezenas de parcerias com empresas de mesmo porte, com as quais cooperam e competem ao mesmo tempo. De todas essas características, que são relativamente independentes entre si, a principal parece ser a mudança de burocracias verticais para a empresa horizontal, já que a formação de redes garantiu a flexibilidade, mas não ofereceu a necessária adaptabilidade da empresa. De qualquer forma, a grande empresa, desde que consiga formar uma rede articulada com centros semiautônomos de processos decisórios, tende a constituir-se uma forma superior de gerenciamento na nova economia, ou seja, uma “empresa horizontal”. Essa se caracteriza, assim, em uma dinâmica rede descentralizada constituída de unidades auto programadas e auto comandadas baseadas na participação e coordenação. Todas aquelas tendências levaram à desintegração do modelo de burocracias racionais e verticais de grandes empresas que tinham a produção padronizada em massa como padrão. A rigidez das culturas corporativas tradicionais foi o maior obstáculo a ser superado. Por isso, a crise foi inevitável e, dentre as diversas propostas, apenas algumas tiveram sucesso em criar contextos institucionais adequados à competitividade, relata Castells. Para tanto, a necessidade de modificação estrutural fez com que os avanços ocorressem independentemente das transformações tecnológicas, mas que aproveitou-se dela para intensificar a reorganização da empresa em rede, ou seja, as mudanças organizacionais motivaram, de certa forma, a trajetória da tecnologia.

Foi assim que o instrumental tecnológico adequado, disponível somente na década de 90, permitiu a criação de procedimentos flexíveis, cooperativos e interativos para o gerenciamento, a produção e a distribuição de bens e serviços. Percebemos que é por isso que se pode considerar que a interação entre a crise organizacional e as novas tecnologias determinou o surgimento de uma nova forma organizacional: a empresa em rede a qual se constitui pela intersecção de segmentos de sistemas autônomos de objetivos, visando gerar e processar eficientemente informações, de forma a permitir a adaptabilidade, inovação e flexibilidade que permitam adequação às rápidas transformações culturais, tecnológicas e institucionais. Dessa forma, fica claro que a empresa em rede se tornou uma forma organizacional muito importante nesse processo da economia informacional, embora que ela não determina o fim das empresas multinacionais, que, naturalmente, muitas vezes são o centro de grandes alianças. As redes cooperativas de pequeno e médio porte acabam desempenhando um papel secundário nos principais setores. O autor observa que as multinacionais são, hoje em dia, redes interoganizacionais, ou seja, uma rede inserta em uma rede externa e que é dessa maneira que a estrutura do mercado é influenciada, não somente pela oferta e procura, mas também por estratégias ocultas nas redes globais de informação.

Em suma, os elementos constitutivos do informalismo são as redes de empresas formadas com base em ferramentas tecnológicas de informação e comunicação, visando adaptação a uma concorrência global, sendo o Estado um elemento decisivo nesse processo. Esse informalismo, portanto, é uma cultura de “destruição criativa”, acelerada por circuitos opto eletrônicos que processam seus sinais em alta velocidade.

Por fim, percebemos o quão importante é esse estudo realizado pelo autor desse livro, Castells, pois a cada dia passamos por transformações na nossa economia e na relação das empresas com ela. Recomendamos esse capítulo para aqueles que desejam aprender mais sobre as mudanças na economia global e nas novas formas de interação entre as empresas e a economia, e para os estudiosos da área da economia e da tecnologia da informação, pois a tecnologia encontra-se atrelada a esse processo do informalismo, responsabilizando-se por aprimorar cada vez mais os processos de produção das empresas e aumentando cada vez mais a economia global.